

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**KATE CHOPIN E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: UMA
ANÁLISE EM *O DESPERTAR***

Deisi Luzia Zanatta¹ (UPF)

Propõe-se neste trabalho analisar o romance *O despertar* (1899), de Kate Chopin, levando em consideração a importância deste romance, que ao ser publicado em 1899, foi retirado das livrarias e bibliotecas de New Orleans, devido ao conteúdo considerado impróprio para a época. É uma obra que representa o anseio da protagonista Edna Pontellier em emancipar-se como mãe, esposa e mulher numa sociedade do sul dos Estados Unidos.

No período em que Kate Chopin escreveu o romance no século XIX, o universo sulista dos Estados Unidos vivia uma tensão econômica e social devido ao pós-guerra em que as relações entre gênero, raça e classe se desenvolviam de maneira tumultuosa. O movimento feminista que reivindicava os direitos das mulheres se alastrava cada vez mais.

1. A HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DA MULHER

Ao longo dos anos, a mulher sempre se definiu às margens da sociedade. Segundo a Bíblia, a primeira mulher, Eva, foi feita da costela de Adão. Contudo, alguns documentos históricos mostram que Lilith foi a primeira mulher de Adão e também, criada nas mesmas condições que ele. A lenda conta que Lilith não era uma mulher submissa como Eva e por isso, foi expulsa do paraíso. Essa história foi retirada da Bíblia Sagrada e então, surge Eva, estereotipando a imagem submissa e pecadora da mulher, fazendo com que isso se alastrasse através dos tempos.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Embora a mulher fosse vista aos olhos da sociedade como um ser que deveria ser obediente ao homem, vale salientar que muitas delas se destacaram na história mundial. Um exemplo de mulher à frente de seu tempo foi Joana D'Arc, considerada a maior de todas as bruxas, devido ao fato de ter liderado o exército de seu país e usado roupas masculinas. Mesmo que algumas mulheres estavam à frente de seu tempo, a tentativa de ingressar no mundo do trabalho sempre foi complicada, pois era o espaço do homem. A este respeito, Michelle Perrot enuncia que

O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual, desde a Grécia antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. “Uma mulher em público sempre está deslocada”, diz Pitágoras. Prende-se à percepção da mulher uma ideia de desordem. Selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça. A mulher noturna, mais ou menos feiticeira, desencadeia as forças reprimíveis do desejo. Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo (PERROT, 1998, p. 8).

Além da restrição ao espaço público, a educação da mulher também contribuía para que a sua atuação se circunscrevesse somente dentro do lar. A mulher era educada para casar e cuidar dos filhos e marido. O acesso ao conhecimento lhes era negado, pois o contato com a leitura poderia influenciar na sua conduta dentro do lar, podendo se desviar do verdadeiro papel a ela destinado. Segundo Flávia Costa Morais

Num século em que se acreditava na inferioridade natural das mulheres, em que cientistas realizavam estudos de antropometria e craniometria para demonstrarem cientificamente essa condição de inferioridade intelectual, às mulheres cabia um tipo de instrução que reforçasse o seu caráter frágil, de bordadeiras e organizadoras das tarefas do lar. A separação das esferas de atuação (feminina e masculina) na vida vitoriana foi sempre reforçada pelo que era tido como elevado e sublime papel das mulheres – o de serem mães exemplares e esposas fiéis. O exercício do saber somente atrapalharia essa sua vocação natural e, pior, havia certo temor de que, ao adquirirem um maior grau de conhecimento, elas se sobressaíssem de tal modo a superarem seus maridos (MORAIS, 2004, p. 64).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Mesmo que o acesso ao conhecimento era negado às mulheres, algumas poucas mulheres se arriscaram na escrita literária. A esse respeito, é importante destacar o que Virginia Woolf escreve em *Um teto todo seu*¹ sobre as condições sociais e econômicas da mulher escritora. Segundo Woolf (1928, p. 8), “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção.” Com isso, a escritora aborda nesse ensaio uma discussão sobre as condições de vida das mulheres na Inglaterra e as possibilidades de se tornarem escritoras numa sociedade regida pelo patriarcalismo, marcada pela desigualdade entre os sexos.

A ascensão do público leitor feminino revelou-se a partir do surgimento da imprensa e do fortalecimento das reivindicações feministas, advindas com os tempos modernos. Questões sobre a educação da mulher foram levantadas e então surgiram questionamentos sobre esse novo público, passando a refletir no âmbito literário. Tendo em vista a adaptação às “novas leitoras”, surgem diversos gêneros textuais, entre eles, o romance e o folhetim.

Mesmo que algumas mulheres se arriscaram na produção literária, essa prática não era vista com bons olhos pelo patriarcalismo, que temia uma inversão nos papéis, destinado aos homens e mulheres. Os escritores, na maioria homens, propagavam em suas produções, através das personagens femininas, que o contato com a leitura só prejudicava a mulher. Um exemplo é a personagem Luísa da obra *O primo Basílio*, de Eça de Queirós que se degrada e desvia sua conduta por ter lido obras romanescas.

Com isso, é possível perceber que a tentativa de ingressar no mundo do trabalho foi muito difícil para a mulher. Porém, com o passar do tempo, através das reivindicações que iniciaram com o movimento feminista, mas mulheres, a passos lentos iniciaram sua atuação no espaço público.

¹ O ensaio *Um teto todo seu* baseia-se em dois artigos lidos por Virginia em outubro de 1928 perante a Sociedade das Artes em Newnham e Odtta, em Girton. Devido à extensão dos artigos, a escritora optou por reuni-los para uma posterior publicação. As mulheres inglesas que se fizeram presentes para assistir a Conferência esperavam ouvir uma discussão sobre o tema “As mulheres e a ficção”.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

1.1 Kate Chopin: biografia

Kate Chopin nasceu em 8 de fevereiro de 1850 ou 1851 em St. Louis, Missouri, sendo descendente de uma tradicional família **creole**² francesa. Segundo dados biográficos da autora³, Kate desfrutou de uma infância privilegiada, convivendo em meio a um mundo cultural sofisticado, o que a impulsionou a desenvolver sua habilidade estética. Sua educação não deixa a desejar, desenvolvida na Academia do Sagrado Coração. Com a morte precoce do pai, os laços entre Kate e as mulheres de sua família se unem. Sempre influenciando culturalmente Kate, esta cresce ouvindo sua avó contar histórias da vida **creole** e sua bisavó ministrava-lhe aulas de piano e francês.

Seu casamento com Oscar Chopin, fazendeiro de algodão da Louisiana, não durou mais que doze anos. Kate Chopin ficou viúva, com seis filhos pequenos e uma dívida de doze mil dólares. Ela tomou conta dos negócios, mas voltou a residir com sua mãe e com o falecimento desta, passou a ter crises de depressão. Vendo-se sozinha para criar seus filhos, buscou através do apoio de seu amigo e obstetra, na escrita literária, subsídios para suprir a falta de sua mãe e sustentar seus filhos. Chopin se revelou uma verdadeira romancista e conquistou sua independência como tal.

Mas que conteúdo esperar de uma aspirante à escritora norte-americana no final do século XIX? Com certeza seriam aspectos de uma vida moldada pelos valores e ensinamentos da conservadora sociedade patriarcal: mulheres exercendo suas tarefas de rainhas do lar, mães exemplares, esposas fiéis e obedientes. Porém, a voz de Kate Chopin na literatura é a da rebeldia, dos temas polêmicos, que afrontam a moral estabelecida pelas normas patriarcais da nação poderosa que se tornava os Estados Unidos, após o término da Guerra Civil. Além da publicação do seu primeiro romance *At Fault* (1890), traduzido como *Culpados*, a sequência literária da autora segue com

² Termo que designa os primeiros descendentes brancos de franceses e espanhóis, estabelecidos no Golfo do México e também um idioma falado por esse povo, evoluindo por meio do contato entre o idioma francês e a língua dos escravos africanos. Informação extraída de *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados - estudos literários e humanidades médicas*.

³ Dados obtidos através da parte *Introduction* do romance *The Awakening* e do site <http://www.katechopin.org/#questions>.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

duas coletâneas de contos *Bayou Folk* (1894) e *A Night in Acadie* (1897). Porém, a forte crítica veio com *The Awakening* (*O despertar*) em 1899, em que a autora surpreende a crítica por representar de maneira ousada a tentativa de independência pessoal e profissional de uma mulher casada da sociedade **creole** de New Orleans, durante suas férias na praia de Grand Isle, no Golfo do México.

Escritora sagaz, mulher destemida e à frente de seu tempo, Kate Chopin não surpreendeu a sociedade da época só por ter abalado as convenções sociais em sua vida particular ao manter um envolvimento com um homem casado e tornar-se escritora com 54 anos de idade, mas também, por representar através da literatura, a condição da mulher submersa num ambiente fortemente regido pelas regras patriarcais.

Enquanto o homem dominava o cenário da intelectualidade, do espaço público, como senhor de um papel de importância, de tomada de posição e decisão, a mulher se via relegada a obediência e submissão, reclusa ao lar, circunscrita à esfera privada.

Observando essa condição de desigualdade, Chopin resolve retratar em sua literatura, através de personagens femininas que afrontam o poder patriarcal, a repressão sofrida pela mulher, que ao tentar-se emancipar, questiona os valores do casamento, enraizados e propagados pela religião.

Esse ideal da libertação da mulher é retratado em *The Awakening*. O enredo do romance gira em torno da busca pela liberdade profissional, sexual e pessoal de Edna Pontellier, uma mulher casada com um importante comerciante da sociedade *creole* de New Orleans. A protagonista, durante suas férias na praia de Grand Isle se emancipa das regras impostas por uma sociedade patriarcal. Com isso, Kate Chopin representa através da personagem principal, uma mulher que luta pelo seu direito de ser independente, numa sociedade conservadora no sul dos Estados Unidos no século XIX.

2. A EMANCIPAÇÃO DA MULHER EM O DESPERTAR

Edna Pontellier é a protagonista de *O despertar* (1899), romance que causou escândalo na sociedade conservadora dos Estados Unidos na virada do século XX

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

devido ao seu conteúdo, o que destinou à escritora Kate Chopin o esquecimento de aproximadamente cinquenta anos. A partir da década de 1960, como resultado da invasão do movimento feminista na sociedade americana e do surgimento da crítica literária feminista, o romance ressurgiu, sendo consagrado pela inegável habilidade artística da autora e pelo caráter inovador, pois seu conteúdo foi considerado investigador “de questões atemporais da mulher; uma escritora que, rompendo com o culto à domesticidade de seu tempo, olhou a mulher como indivíduo e a lançou na esfera social, buscando lhe dar voz e identidade.” (ALLEGRO, 2005, p. 11). Edna possui uma complexidade singular no universo da trama, que reconstitui as ações de uma mulher que tenta se emancipar das regras patriarcais impostas pela sociedade **creole** de New Orleans.

2.1 Edna Pontellier: esposa e mãe

Logo no início da narrativa, os leitores (as) do romance presenciam uma cena de repreensão: Léonce negligencia sua esposa por sua desatenção com um dos filhos, que supostamente estava com febre. Através da voz narrativa, é possível perceber que o sistema patriarcal demarca o lugar destinado à mulher dentro do espaço privado:

Repreendeu a esposa por seu descuido, sua habitual negligência com as crianças. Se não era o papel de uma mãe tomar conta dos filhos, de quem mais poderia ser? Ele próprio estava inteiramente ocupado com seus negócios de corretagem, não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo: ganhar a vida para sua família na rua e ficar em casa para evitar que algum mal lhes sucedesse. Falava de maneira monótona e insistente. (CHOPIN, 1994, p. 16).

Assim, fica explícito o ponto de vista de Léonce Pontellier sobre o papel que sua esposa Edna deve desempenhar dentro do lar: cuidar dos filhos, da supervisão das tarefas domésticas e do bem-estar do marido, já que ele se preocupava com o conforto financeiro de sua família.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Alguns leitores e leitoras podem não compreender em que exatamente a protagonista deixa a desejar como mãe. Tal atitude, aparentemente desprovida de qualquer sentido, mostra o outro lado da questão: o desabrochar de Edna começa a romper com seu papel de mãe no momento em que ela estabelece uma relação de importância com ela mesma, dando menos atenção aos seus filhos e marido. O narrador (a), então, mostra aos leitores que “em resumo, a Sra. Pontellier não era do tipo maternal. As mulheres de tipo maternal pareciam predominar, naquele verão, em Grand Isle” (CHOPIN, 1994, p. 19). Com isso, a protagonista do romance encaminha-se para um processo de emancipação, afrontando os preceitos morais da época.

Essa negligência de Edna em relação aos filhos mostra que a protagonista, mesmo que inconscientemente, está tentando se libertar das regras sociais que a mantêm atrelada ao leito conjugal e maternal: “Em suma, a Sra. Pontellier estava começando a perceber sua posição no universo como ser humano e a reconhecer suas relações, enquanto indivíduo, com seu mundo interior e com o que a cercava” (CHOPIN, 1994, p. 25).

No decorrer da narrativa, as ações da protagonista mostram a emancipação da protagonista como mãe, esposa e mulher do lar. Edna passa a descuidar do lar, e não dar atenção aos filhos e marido. O rompimento com os padrões impostos pelo patriarcalismo concretizado pelo exemplo de família tradicional se desfaz quando a protagonista decide abandonar a mansão na qual reside com o marido e filhos, mudando-se sozinha para uma casa simples e modesta, a qual nomeia de pombal. Tal prática permite que Edna viva da pintura de seus quadros, passando a se sustentar do seu próprio trabalho e invadindo o espaço público, esfera do poder masculino.

Ao final do romance, Edna se dá conta de que não cabe mais habitar numa sociedade em que a mulher é repreendida e não possui oportunidade no espaço público. No momento em que a protagonista se entrega para as águas do Golfo, os pensamentos da protagonista invadem a narrativa:

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Pensou em Léonce e nas crianças. Faziam parte de sua vida, mas não deviam achar que podiam possuí-la de corpo e alma. Como Mademoiselle Reisz teria rido, zombado talvez, se soubesse! “E você se acha uma artista! Que pretensões, Madame! O artista deve possuir a alma corajosa que ousa e desafia.” (CHOPIN, 1994, p. 151).

Levando em consideração um pouco sobre a história e educação da mulher, a breve biografia sobre a vida da autora norte-americana Kate Chopin, fica evidente que a temática do romance *O despertar* é a emancipação da mulher. A autora não se rende à formação ideológica da sociedade no final do século XIX, que relegava à mulher uma perspectiva de vida na esfera privada. Através disso, Chopin consegue representar em sua obra literária, não somente uma personagem descontente com sua condição, mas uma mulher face a face com suas necessidades, buscando um “despertar” no papel de esposa, mãe e mulher que luta contra a conformação de sua condição, construindo sua verdadeira identidade e abalando as estruturas de uma sociedade patriarcal.

Referências

ALLEGRO, Alzira. Introdução. In: CHOPIN, Kate. *Culpados*. Tradução Carmen Foltran. São Paulo: Ed. Horizonte, 2005.

COSTA MORAIS, Flávia. *Literatura vitoriana e educação moralizante*. Campinas: Alínea, 2004.

CHOPIN, Kate. *O despertar*. Tradução Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ⁱ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo, Brasil.
E-mail: deisil.zanatta@gmail.com